



Entre utopia e *apartheid*: Orania, a cidade sul-africana somente para brancos

Between utopia and *apartheid*: Orania, a south african city for whites only

Entre la utopía y el *apartheid*: Orania, la ciudad sudafricana sólo para blancos

DOI: 10.55905/revconv.17n.2-390

Originals received: 01/26/2024

Acceptance for publication: 02/14/2024

Franco Santos Alves da Silva

Doutor em História

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Endereço: Florianópolis - Santa Catarina, Brasil

E-mail: alvesfranco@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1490-1451>

RESUMO

Orania é uma cidade na África do Sul, conhecida por ser um enclave exclusivo para pessoas brancas, estabelecida em 1991, durante o declínio do *apartheid*. Fundada por afrikaners, descendentes de colonos holandeses, alemães e franceses, Orania visa preservar a cultura e língua africâner. A cidade é frequentemente discutida em termos de autossuficiência, identidade cultural e segregação. A comunidade defende o direito de manter sua identidade única, enquanto críticos veem Orania como um símbolo de segregação racial e exclusão. Este artigo explora Orania, uma cidade exclusiva para brancos na África do Sul, analisando sua existência como um fenômeno sociocultural complexo no contexto pós-*apartheid*. Os objetivos incluem investigar a identidade cultural africâner, as práticas de segregação e o papel da memória histórica em Orania. O problema central questiona como Orania reflete as dinâmicas de identidade, segregação e memória em um país pós-*apartheid*. A metodologia combina revisão bibliográfica, análise qualitativa, estudo de caso comparativo e, se possível, pesquisa de campo. A justificativa reside na necessidade de compreender comunidades segregacionistas e suas implicações na sociedade sul-africana atual. O artigo contribui para o entendimento de como comunidades como Orania persistem e influenciam o panorama cultural e político na África do Sul moderna.

Palavras-chave: *apartheid*, Orania, identidade cultural.

ABSTRACT

Orania is a city in South Africa, known for being an exclusive enclave for white people, established in 1991 during the decline of *apartheid*. Founded by Afrikaners, descendants of Dutch, German, and French settlers, Orania aims to preserve Afrikaner culture and language. The city is often discussed in terms of self-sufficiency, cultural identity, and segregation. The community defends the right to maintain its unique identity, while critics see Orania as a symbol of racial segregation and exclusion. This article explores Orania, analyzing its existence as a



complex sociocultural phenomenon in the post-apartheid context. The objectives include investigating Afrikaner cultural identity, segregation practices, and the role of historical memory in Orania. The central question examines how Orania reflects the dynamics of identity, segregation, and memory in a post-apartheid country. The methodology combines bibliographic review, qualitative analysis, comparative case study, and, if possible, field research. The justification lies in understanding segregationist communities and their implications in contemporary South African society. The article contributes to understanding how communities like Orania persist and influence the cultural and political landscape in modern South Africa.

Keywords: apartheid, Orania, cultural identity.

RESUMEN

Orania es una ciudad de Sudáfrica, conocida por ser un enclave exclusivo para blancos, establecido en 1991 durante el declive del apartheid. Fundada por afrikaners, descendientes de colonos holandeses, alemanes y franceses, Orania pretende preservar la cultura y la lengua afrikaans. A menudo se habla de la ciudad en términos de autosuficiencia, identidad cultural y segregación. La comunidad defiende su derecho a mantener su identidad única, mientras que los críticos ven en Orania un símbolo de segregación racial y exclusión. Este artículo explora Orania, un township sudafricano exclusivo para blancos, analizando su existencia como fenómeno sociocultural complejo en el contexto posterior al apartheid. Los objetivos incluyen investigar la identidad cultural afrikaans, las prácticas de segregación y el papel de la memoria histórica en Orania. El problema central se plantea cómo refleja Orania la dinámica de la identidad, la segregación y la memoria en un país post-apartheid. La metodología combina una revisión bibliográfica, un análisis cualitativo, un estudio de caso comparativo y, si es posible, una investigación de campo. La justificación radica en la necesidad de comprender las comunidades segregacionistas y sus implicaciones para la sociedad sudafricana actual. El artículo contribuye a entender cómo comunidades como Orania persisten e influyen en el panorama cultural y político de la Sudáfrica moderna.

Palabras clave: apartheid, Orania, identidad cultural.

1 INTRODUÇÃO

A África do Sul pós-apartheid apresenta um mosaico de desafios e transformações sociais, dentro dos quais a cidade de Orania surge como um estudo de caso intrigante. Estabelecida em 1991, esta comunidade exclusivamente branca representa um anacronismo em uma nação que buscou superar décadas de segregação institucionalizada. Este artigo se propõe a explorar Orania não apenas como uma curiosidade geográfica, mas como um reflexo das tensões raciais, culturais e históricas que continuam a influenciar a África do Sul contemporânea.

Os objetivos deste estudo são multifacetados. Primeiramente, busca-se entender a identidade cultural afrikaner dentro do contexto de Orania, analisando como esta comunidade



procura preservar suas tradições e língua. Em segundo lugar, o estudo visa examinar as práticas e a retórica de segregação racial em Orania, considerando as implicações éticas e sociais desta exclusividade. Finalmente, pretende-se avaliar o papel da memória e do legado do apartheid na conformação desta comunidade, questionando como o passado influencia o presente.

O problema de pesquisa central é: Como Orania, uma cidade exclusiva para brancos, reflete as dinâmicas de identidade, segregação e memória em um país que buscou oficialmente superar o apartheid? Esta questão norteia a investigação, buscando compreender as complexidades e contradições de uma comunidade que parece resistir às tendências de integração racial e cultural promovidas no país.

A metodologia adotada neste estudo é interdisciplinar, combinando análise documental, revisão bibliográfica de literatura relacionada ao apartheid, Orania e questões de identidade cultural africâner. A pesquisa inclui também análises qualitativas de discursos, políticas e práticas dentro de Orania, complementadas, quando possível, por estudos de caso comparativos e pesquisa de campo, incluindo entrevistas com moradores e especialistas.

A justificativa para este estudo é dupla. Em primeiro lugar, Orania representa um fenômeno único que desafia as noções convencionais de progresso social e reconciliação racial na África do Sul. Em segundo lugar, o estudo de Orania oferece insights valiosos sobre como comunidades podem utilizar a memória histórica e a identidade cultural como mecanismos para a segregação, oferecendo lições importantes para outros contextos pós-conflitos.

Espera-se que os resultados deste artigo contribuam significativamente para o entendimento da persistência de enclaves raciais e culturais em sociedades que passaram por profundas transformações sociais e políticas. Além disso, ao lançar luz sobre a complexidade de Orania, este estudo visa enriquecer o diálogo sobre identidade, memória e segregação na África do Sul moderna, oferecendo perspectivas para a compreensão de fenômenos similares em outras partes do mundo.

2 O APARTHEID NA ÁFRICA DO SUL

Podemos classificar o apartheid como um sistema jurídico e político que perpassava pela sanção de uma série de leis, como exemplo, a Lei de Registro da População, 1950, separando os sul africanos com critérios linguísticos e raciais. Também foi um processo que culminou na criação de distritos raciais, os bantustões, para abrigar distintas etnias negras, na periferia da área

branca. De acordo com Stevens (2014), o apartheid era um sistema jurídico, social, cultural e político de segregação racial que identificava os brancos como superiores e os negros como inferiores. Foi um aparelho de supremacia branca legalizada que concedeu vários privilégios aos brancos e negou aos negros o acesso a recursos iguais, como educação, terra, emprego e direito de voto, e funcionou desde o final dos anos 1940 até 1994.

Para uma melhor compreensão, o apartheid pode ser dividido em quatro períodos principais. A primeira medida, conhecida como Pequeno Apartheid, caracteriza-se por uma série de medidas governamentais destinadas a demarcar as fronteiras entre brancos e pretos. Aplicável entre os anos de 1948 a 1966, o período seguinte O Grande Apartheid (1966–1984) organizou grupos de ação mais ambiciosos. Enquanto isso, os indicadores econômicos da população branca tornaram-se mais satisfatórios e privilegiados. (MAGNOLI, 1998). Em 1984 começou a fase mais crítica do sistema de governo sul-africano, o neo-apartheid, terminada em 1990, com a libertação de Nelson Mandela, essa fase tornou-se crítica graças intensa pressão global e às sanções econômicas impostas, principalmente pelos Estados Unidos.

A Lei de Registro da População, como explicitado, desdobrou-se em forma de emendas, para todas as leis existentes. A Lei de Emenda da Legislação sobre os Nativos (1957), por exemplo, autorizava as igrejas de proibir africanos de professarem sua fé nos espaços religiosos quando estas suspeitassem de algum crime cometido por eles; a Lei de Serviços Separados (1953) assegurava que os serviços públicos deveriam ser prestados na região em que cada grupo pertencia, e que não era necessária uma padronização operacional - dos serviços aos brancos serem iguais aos dos negros. Outra lei como a Lei de Emenda da Legislação Geral (1961) aprovou a detenção de qualquer suspeito de crime por período indeterminado, sendo a maioria deles acusados de pró-comunistas (considerados subversivos devido à Guerra Fria). (CALVOCORESSI, 2011). Assim, “nessa sociedade, uma espécie de “colonialismo interno” criou um sistema de opressão institucionalizada contra a maioria negra e, em menor medida, mestiça e asiática que foi tolerada pelo Ocidente durante a Guerra Fria” (PEREIRA, 2008, p. 139).

Segundo Pereira o governo tinha como objetivo transformar as antigas reservas negras, organizadas por tribos e de acordo com as tradições de chefia, em Autoridades Territoriais, os chamados bantustões. Em outras palavras estabelecer o autogoverno (autonomia administrativa), sob a escudo de Pretória, na prática, sem possibilidade de autonomia política.



A segregação da população negra produziu um grande contingente de mão-de-obra disponível e barata, com que a indústria e a agricultura das áreas brancas se abasteciam livremente. E ainda, com o desenvolvimento desses bantustões e dos Estados independentes, surgiu uma classe negra dirigente que, embora dependente, assumiu as responsabilidades administrativas e parte das atividades econômicas, particularmente comerciais. Essa nova classe, integrada por africanos, chamada a cooperar nesse esforço de racionalização das formas tradicionais de dominação econômica, social e racial, beneficiou-se da proposta neocolonial e aderiu, com sua enorme carga de contradições, aos propósitos de minar o processo e as lutas de libertação nacional. Essa pequena elite, beneficiada à margem do apartheid, tentou cumprir seu papel de reduzir os anseios em torno da libertação nacional e restringi-los a reivindicações locais baseadas em um fracionado nacionalismo tribal (PEREIRA, 2008, p. 146).

O sistema foi condenado pela ONU em 1971 e acusado de “dividir os africanos, confrontando uma tribo com outra, enfraquecer a frente africana na sua luta pelos justos e inalienáveis direitos e consolidar e perpetuar o domínio por parte da minoria branca” (PEREIRA, 1986, p. 36). Mas o fim do regime duraria a chegar. Em uma combinação entre a sangrenta luta antiapartheid a partir de dentro do país, além de três da recessão econômica e pressão política de nações estrangeiras.

Nos anos 1970 o ambiente político convulsionado e instável assinalou uma perda de confiança dos setores privados na evolução da economia de modo que “as limitações impostas pelas perspectivas cada vez mais sombrias para os investimentos em produtos substitutivos; e, por fim, a inexistência de saídas exportadoras satisfatórias” (PEREIRA, 2008, p. 150). Já nos anos 1980 houve uma queda do preço das matérias-primas, queda do preço do ouro provocavam grandes impactos nas receitas fiscais. A crise econômica afetou a imagem de “credibilidade” do governo sul-africano.

Em abril de 1985, foram revogadas as leis que proibiam casamento e relações sexuais entre pessoas de diferentes raças. No mês seguinte, caiu a proibição de pessoas de raças diferentes pertencerem ao mesmo partido. Em abril de 1986, o governo promulgou leis que eliminavam restrições ao movimento, residência e emprego de negros em áreas brancas. Em julho de 1986, as leis de passaporte foram revogadas, criando-se um mesmo documento de identidade para todos os cidadãos sul-africanos; (PEREIRA, 2008, p. 150).

A partir do fim da Guerra Fria e presença hegemônica dos EUA no cenário internacional, as ideias humanistas se fortaleceram, porquanto passou-se a disseminar a noção de que o mundo



estava unido em prol de uma causa maior, isto é, a proteção universal dos direitos humanos (DANILEVICZ, 2010). De tal modo, no início dos anos 1980, o Partido Nacional encontrava-se em isolamento político e econômico (tanto nacional quanto internacionalmente). Assim, apoiar o apartheid não se tornou mais lucrativo para os países capitalistas após o fim da Guerra Fria, especialmente porque muitos deles ratificaram tratados de direitos humanos.

Somente a partir de 1993 foi possível traçar os novos rumos da política interna e externa. E embora a mídia geralmente atribua essa mudança ao governo de Mandela, deve-se notar que a transição para a democracia foi um processo que já havia começado em meados da década de 1980, e que se tornou mais evidente durante o governo De Klerk. Apesar de conservador, mudou algumas leis discriminatórias durante seu governo. Por exemplo, fortaleceu os partidos proibidos durante o regime do apartheid, libertou presos políticos - como Nelson Mandela -, em 1993 deu direito de voto aos negros nas próximas eleições e propôs em conjunto com a oposição uma nova constituição.

3 ORANIA: FUNDAÇÃO E FUNCIONAMENTO

Orania é uma cidade de pouco mais de mil habitantes, com crescimento de 10% ao ano, situada ao longo do rio Orange, daí o nome, cercada pelo semi-deserto Grande Karoo, na província do Cabo Setentrional. Fica a duzentos e quarenta quilômetros de Bloemfontein e cento e sessenta e quatro quilômetros de Kimberley. Foi fundada por Carel Boshoff, genro do ex-primeiro ministro Hendrick Verwoerd, com cerca de treze famílias de descendentes de africâners em 1991, durante os anos finais do apartheid¹. Hoje ela é presidida pelo seu filho Carel Boshoff IV. O objetivo deste projeto, segundo os seus moradores, é a manutenção da cultura e identidade africâner, que suspotamente via ameaçada na sociedade multicultural que estava em discussão naquele país: “se deixarmos que o casamento inter-racial prolifere nesse país, nós vamos desaparecer. Por isso, é preciso que nos isolemos”, afirmou Manie Opperman, em 2009, quando era presidente². Para viver lá é necessário partilhar da cultura africâner, dizem não ser contra

¹Os africâners também são chamados de bôeres, é o resultado da descendência de colonos calvinistas dos Países Baixos, Alemanha, bem como de huguenotes franceses, que se estabeleceram nos séculos XVII e XVIII na África do Sul cuja colonização disputou com os britânicos. O africâner é uma língua própria, com base do neerlandês e influências limitadas de línguas indígenas, do malaio e do inglês. Além da África do Sul e na Namíbia, mas são encontrados em Botswana e na Suazilândia. Migrações menores de escandinavos, portugueses, gregos, italianos, espanhóis, poloneses, escoceses, ingleses, judeus, russos e irlandeses também contribuíram para essa mistura étnica. (CORNIVAN, 1979, p.25).

² “O apartheid trouxe desenvolvimento”. In: *Folha.com*. 29 de maio de 2009.



negros, mas afirmam que eles não são bem vindos: “é uma questão cultural, não racial” afirma Strydon³.

A cidade está dentro da jurisdição do município de Hopetown, pois foi construída sobre um terreno de oito mil hectares comprado pelos residentes, aonde antes existia a estrutura e do projeto inabitado do Departamento de Águas e Reservas. Contudo eles mantêm uma infraestrutura buscando a auto-suficiência através prédios industriais, hotéis, rodovias pavimentadas, áreas comuns com piscinas, cozinhas, cemitério, igreja, museu, duas escolas, biblioteca, correios, rádio comunitária, área esportiva com piscinas, campos de rugby, tudo construído por moradores. A produção agrícola, totalmente orgânica, conta com um completo sistema de irrigação baseada na produção de amêndoas, nozes, pêssegos, damascos, olivas, trigo, milho, figos, hortaliças variadas, além de ovelhas na produção pecuária. Houve trocas de experiências, com cursos e viagens para Israel, na intenção de aprenderem diversas tecnologias de agricultura no deserto. Há um foco em mostrar os esforços da cidade em ser “verde”, com a reciclagem dos resíduos e a conservação do meio-ambiente no entorno. As novas casas devem ter um captador de energia solar, os habitantes coletam o lixo e conservam os jardins⁴. No últimos anos a cidade tem investido no turismo rural.

A cidade conta com um sistema financeiro com um banco comunitário e uma moeda própria, o Ora (figura 1), que segue a mesma cotação que o rand, moeda sul africana.

³ Kleinfontein, fundada em 1992, e Balmoral, em 1997, também são outras duas cidades baseadas na cultura e língua africâner, mas diferem de Orania quanto ao seu projeto político, sua organização monetária e mesmo sua classificação, são consideradas vilas culturais. Jonh Strydon afirma trocar informações e dividir experiências com estes locais.

⁴ “20 years of democracy in Orania: The past might have a future”. In: *Time*. 29 de abril de 2004.



Figura 1- O Ora



Fonte: <https://orania.co.za/ora-2/>

O Ora foi desenvolvido por Johan Van Zyl, professor honorário na Universidade de Pretória, baseado na sustentabilidade e no crescimento balanceado entre necessidades globais e mercado local. É parte de um sistema de crédito que beneficia toda a cidade em sistema cooperativista, aonde o rand é depositado em bancos e então substituído pelo Ora, que por sua vez funciona com uma série de segurança contra falsificação e furtos. O papel-moeda tem assinatura de dois membros do governo e tem uma validade determinada. Somente é aceito dentro da cidade, mas é vendido para colecionadores e visitantes como souvenir, as rendas vão para o banco local. O sistema monetário de Orania defende o localismo como gerador de desenvolvimento e se coloca como uma possibilidade para diminuição da pobreza na África do Sul, como um modelo a ser seguido. Cada nota foi desenhada a partir de uma série de simbolismos relacionada com a história africâner.

Por último é interessante ressaltar que a comunidade tem uma grande preocupação em construir suas simbologias e nacionalidade, seja através da educação, ou mesmo na construção de símbolos e espaços públicos destinados a louvar sua própria história. A bandeira da cidade é nas cores azul e laranja com um menino arregaçando as mangas, a criança como metáfora da jovem nação, puxando as mangas para o trabalho, para salvaguardar sua cultura, história e identidade (figura 2).



Figura 2 – Bandeira de Orania



Fonte: HAGEN, 2013, p.86.

A cidade tem um local com estátuas de heróis, aonde se encontra o busto do primeiro ministro Hendrik Verwoerd, chamado de “arquiteto do apartheid”(COLE, 2010, p. 31; COOMBE, 2003, p.22), pois governou o país desde sua implementação, 1958, até ser assassinado em 1966. Verwoerd foi responsável por enviar Nelson Mandela para prisão. Em 1995 Mandela visitou Orania e tomou uma xícara de chá com Betsy Verwoerd, viúva do primeiro ministro, que trouxe vários objetos pessoais do marido para serem expostos no museu da cidade. Na ocasião ela disse à Mandela que luta pelo desejo de seu povo, de criar seu próprio Estado, ele replicou afirmando que desejava reunir a África do Sul, para uma sociedade que se pensasse além da cor da pele.

Uma série de questionamentos surgiram: como era possível a existência de tal projeto de sociedade, em pleno século XXI? Como a própria África do Sul, e o mundo, lidavam com a questão? Como olhar para esta cidade em meio aos debates multiculturais, ou de rompimentos das fronteiras de identidades e alteridades? Obviamente que é extremamente tentador contemplar Orania e ver uma utopia puramente racista, pois é muito simbólico sua fundação em meio a uma sociedade marcada por um regime segregacionista. Entretanto é necessário evitar estas conexões automáticas e que beiram o senso comum e chegar a uma análise mais complexa e circunscrita teoricamente. Enfim, percebe-se que há um caldeirão de possibilidades e abordagens, mas muito mais provenientes talvez da antropologia e sociologia do que da própria História.

Em um primeiro contato por e-mail com responsáveis pela divulgação de Orania, conversamos com Jonh Strydon, cordial e disposto, e logo passou o contato da Dr. Manie Opperman, ex-presidente da cidade e atual vice, além de ser responsável “pela nossa história e



arquivo”⁵. O Dr. Opperman foi igualmente bem aberto, disposto a me conhecer, e também que eu lhe enviasse algum projeto, e finalizou com um convite para visitar Orania. Como lidar com questões de racismo com uma geração que era testemunha ocular dos eventos? Uma primeira abordagem sobre o que Orania representada, centrada na ideia vaga de racismo, é um pré-conceito que afastaria qualquer proximidade com a cidade, seus moradores e arquivos? O fato de uma cidade tão pequena e nova, já ter contingente humano e material como manutenção dos arquivos da cidade, prontamente dispostos a colaborar com pesquisas científicas é um indício da necessidade da construção, e oficialização, de uma história ou possível tentativa de provar algo para o mundo.

É possível perceber algumas mudanças a respeito de Orania em três décadas desde a fundação da cidade. A principal delas foi a morte de Nelson Mandela, no início de dezembro de 2013, e assim uma série de novas reportagens de grandes conglomerados voltaram-se mais uma vez para a África do Sul, e alguns deles novamente para Orania, entre os quais podemos destacar os jornais britânicos *The Guardian*, *Daily Mail*, a revista norte americana *Time*, a rede de televisão *CNN*, jornal sul africano *Sowetan*, entre outros veículos da França, Nova Zelândia e do próprio Brasil. Outra mudança que operou neste sentido é a preocupação do governo de Orania com sua própria imagem. Seja através de contas em redes sociais (a comunidade do *Facebook* já reuni quase doze mil membros), uma descrição detalhada na *Wikipédia*, inclusive com a participação da cidade nas eleições da África do Sul (provavelmente editada por membros da comunidade), um canal com vários vídeos no *YouTube*, entrevistas concedidas para vários jornais, e a produção de um documentário em 2012. Todo este material corrobora com a hipótese da cidade estar preocupada em criar uma imagem positiva sobre si mesma, entre outras análises, que veremos mais para frente.

A produção acadêmica sul africana nas diversas áreas das ciências humanas acerca de Orania é basicamente apologética e formada por autores brancos e africaners. Embora citem o apartheid, ele é sempre visto como uma mancha do passado, e Orania pouco teria a ver com ele, pois é um projeto de futuro, onde tal questões estariam superadas. Assim, os estudos existentes, em sua maioria, focam na identidade africaner isoladas em si, e não pensada dentro da

⁵ O fato de, uma cidade tão pequena e nova, já ter uma pessoa prontamente disposta a colaborar, e mesmo responsável, pela manutenção dos arquivos da cidade, me levaria a inquietantes indagações. Era um indício da necessidade da construção, e oficialização, de uma história ou possível tentativa de provar algo para o mundo. Hipóteses que ganharão mais corpo mais a frente.



complexidade racial da África do Sul pós-apartheid. Muitas vezes os estudos, sobretudo aqueles de autores brancos africaner, dissertam sobre temas como sustentabilidade; tecnologia de produção agrícola em meio ao deserto e o cooperativismo. Trazendo sempre uma ideia da cidade como modelo, e projeto de futuro.

Já a dissertação em estudos sociais e culturais de Henry van der Burgt *The Afrikaner Quest for Community: A study on Communitarianism in Orania*, foca no senso de comunidade de Orania e fundamentos da cultura africaner. Inclusive usando uma citação de Hendrik Frensch Verwoerd, político e arquiteto do apartheid, cultuado como herói em Orania, como epígrafe da dissertação: “Não estamos lutando por dinheiro ou bens, estamos lutando pela vida de um povo” de 1958. O apartheid recebe apenas duas páginas das duzentas do trabalho, enquanto a história, o legado e a importância de Verwoerd cerca de vinte, de um universo de duzentas páginas.

O trabalho também explora o ressentimento de residentes de Orania com as políticas públicas de afirmação na África do Sul, as *regstellende aksies*. Em entrevista para o auto, um policial aposentado afirmou que

Só os negros conseguem promoções. Eles são inferiores... eles têm uma classificação inferior e são promovidos antes de você. Você tem que fazer todo o trabalho, eles conseguem a promoção. Não há futuro para você em lugares do governo. Um em cada dez mil tem a oportunidade de se tornar alguém, o resto fica parado. Afrikaans tem uma palavra bonita, opressão. Você tem que fazer todo o trabalho, todos os erros são seus, você tem que fazer o trabalho dos outros. Eles não são educados para fazer o trabalho, mas conseguem a posição. (BURGT, 2016, p.97)

Edward Cavanagh no artigo *The History of Dispossession at Orania and the Politics of Land Restitution in South Africa* também foca na relação entre os habitantes e a terra, sobretudo na legalização da terra, visto que Orania, originalmente é uma grande propriedade privada. Semelhante posição do antropólogo F.C. de Beer no artigo *Exercise In Futility, Or Dawn Of Afrikaner Self-determination: An Exploratory Ethno-historical Investigation Of Orania* que foca no projeto de autodeterminação africaner de Orania dentro da África do Sul.

Henning Hues e Katalin Morgan no artigo *The raising of the flag in 'Volkstaat' Orania: Perspectives on a school ceremony* exploram a importância da educação e da cerimônia de hasteamento da bandeira de Orania todo final de semana. Há uma lógica pedagógica e cotidiana acerca dos símbolos acerca da nacionalidade e identidade cultural africaner. Já o termo do título *Volkstaat*, em africaner, significa um Estado compreendendo um único grupo étnico, homogêneo.



Portanto trata-se de um termo que define, e resume, a própria cidade de Orania em si, ou mesmo seu projeto político de futuro. Portanto é encontrado em todo trabalho sobre a cidade.

Já a antropóloga Lise Hagen na tese *Place of our own: The Anthropology of Space and Place In the Afrikaner Volkstaat of Orania* foca na relação entre o espaço físico e cultura para a construção da identidade africâner.

Não por acaso, um dos poucos trabalho que problematiza a relação entre Orania e o passado recente da África do Sul é de uma antropóloga não africâner, Sylvia Seldon, na tese em antropologia social *Orania and the reinvention of Afrikanerdom* busca compreender a existência de uma sociedade africâner consciente e, portanto, branca com o recente apartheid. Para a autora, o intento e a existência da cidade podem ser debatidos. Mas o princípio e a praticidade são únicos. Os esforços para criar uma pátria africâner na multiétnica África do Sul parecem ser controversos, sugerindo um recuo da heterogeneidade social como um fato do mundo moderno. Isso levanta questões sobre o que as pessoas fazem após um evento social, uma mudança de paradigma político e econômico e o que acontece em um país com múltiplos e conflitantes relatos da história e um traumático passado recente. Também significa resistir à pressão de lidar com o passado e o presente de alguma forma. Portanto, a frequente questão de saber se a cidade-estado como empresa ou seus habitantes são racistas revela bastante um ordem intrincada da sociedade.

4 OUTRAS INTERPRETAÇÕES POSSÍVEIS

O que é Orania? Obviamente que a resposta já foi aqui percorrida sob diversas formas, mas agora há um interesse teórico e científico. Não se trata aqui de caracterizar, ou não, a cidade enquanto racista. O que se pretende aqui é categorizar e entender como se dão diversos elementos como segregação, identidade, cultura, e o próprio racismo. Não se ambiciona achar uma resposta fixa, mas possibilidades de abordagem de um problema. Assim escolhemos as discussões em torno de Marc Ferro, Jean Delumeau, Reiner Frost, Tzvetan Todorov, Walter Mignolo e Édouard Glissant.

Um dos pontos chaves de Orania, de acordo com nossa perspectiva, é o projeto político de ser uma comunidade modelo, uma utopia africâner. Há um discurso de pertencimento e respeito às leis da África do Sul, pois não querem ser vistos como um grupo separatista. Por outro lado percebe-se a clara intenção de atrair novos moradores e investidores, não somente nas entrevistas, como nos vídeos no *YouTube*, uma intensa campanha para divulgar a causa, repetindo



alguns lemas como “cidade sem crime”, “proteger a cultura” e “sustentabilidade”. Há, portanto, um projeto de futuro aonde esta pequena cidade se posta como detentora de certa pureza da cultura africâner (conceito que será elaborado melhor mais a frente), e mesmo a guardadora de tesouros preciosos de sua história, como o museu com relíquias dos fundadores do apartheid e o busto de seus heróis expostos no alto de uma colina (figura 3).

Figura 3 – Os heróis e fundadores



Fonte: BURGT, 2016, p.71.

Outro ponto fulcral para compreender Orania é o modo com que ela se relaciona com o outro (o negro, ou o não africâner), e principalmente, como ela interioriza, ressignifica e reproduz estes sentimentos. Assim, é inegável pensar a questão em torno de mentalidades, como o medo, a tolerância e o ressentimento. É nítido o medo africâner não somente em “perder” a cultura, mas de haver um genocídio branco na África do Sul. Apesar de falarem com orgulho que vivem em uma comunidade segura, aonde as portas não são nem trancadas, há alguns moradores que afirmam ter medo do futuro, pois acreditam que os negros poderão tornar-se contra eles. Por exemplo, alguns acreditavam que haveria uma chacina ou expulsão de brancos após a morte de Mandela⁶. Na internet encontram-se páginas de um suposto genocídio gradual, ligando todas as mortes de negros contra brancos, a este plano. Jean Delumeau descreveu sobre o medo no ocidente medieval, mas pode-se trazer o conceito para a contemporaneidade e perceber que Orania é uma cidade sitiada. Cercada por um enorme deserto, na região do país com maior número de brancos e *colored people*, os mestiços entre brancos e outras etnias africanas. Se eles

⁶ “Orania, SA’s whites-only town”. In: *Sowetan*. 8 de maio de 2013.



crescem pensando em se tornar livres, sabem que com isto novas barreiras são erguidas, novas barreiras nada imaginárias criam severos problemas para a intenção de se criar uma “sociedade pura”.

O artigo 235 da constituição da África do Sul reconhece o direito de autodeterminação a qualquer comunidade que divida os mesmos costumes e línguas dentro de um mesmo território. Mesmo assim o presidente Boshoff IV reconhece que quanto mais a cidade cresce, maior será a pressão para eles se reintegrarem. Crescem com medo desta possibilidade e ao mesmo tempo com ressentimento. Pois a minoria branca, antes hegemônica no poder, agora vive como que com uma ferida aberta, negando parte de sua própria história. Assim, o ressentimento, tal como propôs Marc Ferro, opera como mais umas destas barreiras, em constante crescimento. Alimentada pela pedagogia segregacionista que funda seus próprios heróis e mitos, que propões a continuidade da segregação para uma nova geração.

Há perigos evidentes nesta bolha cultural: crianças e jovens crescerem com a certeza de superioridade e separação e depararem-se com um país extremamente marcado por este apartheid. Isolar-se pode não ser um caminho, mas sim adiar um problema maior. O ressentimento pode ainda moldar esta geração e levá-la ao extremo. Como exemplo uma das matérias (em anexo) com título “esta terra é a nossa terra”, com um homem com arma em punho, mirando para o horizonte. Obviamente que uma fotografia que ilustra uma reportagem não é parâmetro para perceber uma cidade inteira. Mas é uma evidencia de proteção, de isolamento e extremismo. Outro perigo do ressentimento é cercar a esta geração com um ponto de vista totalmente positivo e mascarado do Apartheid, escondendo, e disfarçando todos os crimes contra os direitos humanos e civis dos negros. A realidade social daquele país é uma prova, e pode ser um choque, de que o regime da hegemonia branca não tem as características que eles insistem.

Estas barreiras, pedagogicamente construídas na negação do contato dos descendentes de holandeses no extremo sul do continente africano, beiram a tolerância, intolerância ou o respeito? De acordo com Reiner Frost, a tolerância existe quando há o reconhecimento de uma alteridade, ao mesmo tempo há um desconforto com este contato, entretanto as partes diferentes conseguem dividir mesmos espaços através que margens tênues de relações. Já a intolerância é o total reconhecimento, e desprezo, da alteridade, num reforço ainda maior das fronteiras que acentuam a diferença. Enquanto que o respeito, uma fase mais desejada para a universalidade humana, seria a total compreensão das diferenças e a indiferença quanto às mesmas, a alteridade simplesmente



está ali. Com base nesta breve explanação, podemos classificar os africaners que vivem “misturados” em outras cidades como Pretória, Cidade do Cabo e Joanesburgo como tolerantes, já a cidade de Orania como intolerante, pois não suporta a convivência com a alteridade. Em última instância podemos classificar como respeitosa a relação pretendida por Nelson Mandela em transformar a África do Sul na “nação arco-íris”. Embora os próprios residentes enfatizam que não se trata de uma questão de cor, mas de cultura e pertencimento.

Surge então uma questão chave para entender Orania, ela é - ou não - racista? A resposta provavelmente não seja tão clara, simples e objetiva como um *sim*. Tentarei colocar de outro modo. É certo que se trata de uma comunidade segregacionista, assim, toda segregação é racista⁷? Vejamos primeiro algumas definições que os próprios moradores têm sobre si mesmo.

Para a *Time*, Boshoff IV afirma que há um grande debate para disciplinar as pessoas sobre discriminação racial, no sentido de evitar estas pessoas. Ele afirma que muitos residentes recém chegados estão cheios de ódio, mas logo elas tomam um tempo para pensar e refletir melhor⁸. Em outra matéria o presidente afirma que “quando novas pessoas vêm para Orania, elas são entrevistadas por um grupo de pessoas para que eles tenham certeza que tenham compreendido suficientemente sobre o que a cidade é”⁹.

Para responder a pergunta se Orania é uma cidade racista ou um conceito cultural incompreendido quatro jornalistas negros e um branco foram para Orania produzir um material. Conforme relata Rudzani Floyd Musekwa, o grupo estava receoso e com medo de chegar à cidade, em virtude de sua pouca fama à respeito dos negros. O gelo foi quebrado com um café, logo após as boas vindas do presidente. Musekwa confessou que estava com medo de entrar na cidade e Carel Boshoff IV explicou que a mídia sul-africana os tem atacado com inverdades e injustiça. Reafirmou o que venho repetindo no texto, o discurso de preservação cultural, pois seu legado morreria aos poucos, se nada fosse feito. Orania, diz Boshoff, serve justamente para preservar isto. O jornalista por sua vez pergunta por que outras raças não são permitidas, e o

⁷ Vejamos algumas definições de *segregação*, segundo dicionário Michaelis *sf* (lat *segregatione*) . 2 *Sociol*: Forma de dissociação que se realiza quando unidades similares, obedecendo ao mesmo impulso, se concentram, distanciando-se, ao mesmo tempo, de outras unidades consideradas diferentes ou divergentes. Essa separação ou distância social e física é oriunda de fatores biológicos e sociais: raça, riqueza, educação, religião, profissão, nacionalidade. (...) 5. *racial*: separação ou isolamento de uma raça ou grupo étnico por residência forçada ou voluntária em determinada área, ou por barreiras de comunicação social, como estabelecimentos de ensino separados ou outras medidas discriminativas.

⁸ “20 years of democracy in Orania: The past might have a future”. In: *Time*. 29 de abril de 2004.

⁹ “Orania, SA’s whites-only town”. In: *Sowetan*. 8 de maio de 2013.



presidente respondeu que não é uma questão de cor da pele, mas cultural, pois estadunidenses já tentaram viver lá, mas logo desistiram por não partilhar dos mesmos costumes¹⁰. Isto fica evidente também na matéria do jornal britânico *Daily Mail*, aonde os moradores insistem que eles não são racistas¹¹.

Há um ponto comum em todas as matérias que ecoa quase como um mantra: “não somos racistas” e “não se trata de racismo, mas de preservar nossa cultura”. Esta repetição incessante faz com que os moradores sacralizem isto como uma regra, uma verdade absoluta, sobre a filosofia de vida da cidade. Outro jornalista afirmou que “é fácil dizer que eles vivem em um horizonte idílico”¹². E de fato é realmente muito tentador ficar maravilhado com o projeto sustentável e auto-suficiente e esquecer por completo todo conflito étnico que está por trás.

Na visão de Laura Oneale, repórter do jornal sul-africano conservador *Liberty Voice*, liberdade verdadeira é permitir que cada grupo cultural governe a si mesmo. Ela considera Orania, à qual chama de “paraíso”, uma esperança para África do Sul, ao ressaltar a criminalidade zero, e a considera não um modelo de separação, mas de trabalho duro. E diz que ela pretende se desenvolver em paz, com mutuo respeito, e ajudando a África, e espera que num futuro torne-se um estado africâner, semelhante à terra prometida dos judeus¹³. A cidade mostrou-se sensibilizada e dizia rezar pela recuperação de Nelson Mandela, em junho de 2013. Afirmam que dividem os mesmos valores que Mandela, ou seja, o desejo de liberdade¹⁴. O próprio lema é “trabalhar pela liberdade”. Segundo Lisa Hagen,

Embora a maioria das pessoas em Orania geralmente concorde que o apartheid era um sistema problemático, entrelaçado com atos excessivos de violência e arraigado com o racismo, eles também enfatizam que é algo que pertence ao passado e não é uma aspiração que eles continuam a manter. Muitos estão cansados da mensagem questionável que os jornalistas às vezes levam para casa de sua visita a Orania, que retrata a comunidade como um microcosmo no qual o apartheid nunca se aproveitou para existir. Mais de uma vez os habitantes me esclareceram que qualquer um pode vir morar em Orania, desde que se identifique com a causa africâner. Para eles, os limites não atravessavam uma divisão racial, mas incluíam todos os que se sentiam parte da comunidade africâner. Se uma pessoa de cor perguntasse se eles poderiam se mudar para Orania, a resposta enlatada era perguntar se eles gostariam de ficar na comunidade, dando a entender que, embora não haja nada que impeça pessoas de cor de se mudarem

¹⁰ “Is Orania a racist enclave, or a misunderstood cultural concept?” In: *The New Age*. 20 de maio de 2014.

¹¹ “Welcome to Orania...as long as you’re White: remote town in South Africa where Afrikaans dream of building their own state”. In: *Daily Mail*. 8 de maio de 2013.

¹² “South Africa: Orania and Kleinfontein- where Apartheid lives in Nelson Mandela’s ‘Rainbow Nation’”. In: *Dilema X*. 25 de junho de 2014.

¹³ “South Africa: Orania the Only Hope for a Better Future?” In: *Liberty Voice*. 7 de maio de 2014.

¹⁴ “Orania joins masses in prayer for Mandiba”. In: *SABC*. 30 de junho de 2013.



para Orania, já que eles não se identificam com os africanos, não há razão para eles se mudarem para lá.

Se há uma repetição de que a segregação reside na necessidade de preservação da cultura e não no racismo, seria interessante perceber como se consolidou o que a cidade compreende por cultura africano, mas isto exige uma pesquisa muito mais densa da trajetória, que talvez possa residir até a colonização holandesa e guerra com os ingleses. Entretanto podemos esboçar algumas hipóteses, com base em teorias já pré-estabelecidas, como exemplo a obra de Tzvetan Todorov, que analisa a conquista da América a partir de conceitos de alteridade entre os espanhóis e índios e a ideia de uma Europa moderna que surgiu do contato desta com o Novo Mundo. A hipótese aqui é que a cultura africano, tal como os residentes se enxergam, foi moldada na segunda metade do século XX, já a partir do apartheid, com a vontade de separação das raças (brancos, negros, indianos e coloridos) a criação dos bantustões para cada grupo étnico e sua nação, e a consequente e premeditada limitação dos direitos civis dos negros. Já dentro da análise de Walter Mignolo é possível enxergar a cultura africano, seja ela em Orania, ou mesmo durante o apartheid, como baseada numa linguística e retórica de superioridade racial, e, portanto responsabilidade social, de governar o país e os demais grupos étnicos. A cultura africano se posta falaciosamente como pura e europeia (branca, língua neerlandesa, moderna, cristã), mas nega sua modificação em terras sul-africanas, sua miscigenação, através de um discurso eurocêntrico, como uma filosofia centrada em teóricos e arquitetos do apartheid, para justificar sua superioridade.

É oportuno aqui buscar a classificação de Édouard Glissant sobre a crioulaização do mar do caribe, aonde grupos com elementos culturais provenientes de ambientes diversos se imbricam, se confundem e geram algo completamente novo. A tese de Glissant é a de que esta crioulaização vem acontecendo no mundo todo, *o mundo se crioulaiza*, mas isto está acontecendo na África do Sul? A proposta de Mandela, da Nação Arco-íris, multiétnica e multicolorida pode ser considerada um passo neste sentido. Mas se pensarmos bem, e utilizar o arco-íris como metáfora, percebemos que ele prevê espaço para todas as cores, mas elas ainda assim estão separadas, no sentido que há fronteiras claras entre as cores. Penso que a proposta de Glissant se assemelha mais a uma furtacor, aonde as cores se misturam de acordo com a luz, sem haver uma distinção clara entre elas. Orania é um contraponto para a crioulaização mundial, ou mesmo sul-africana, pois fecha-se em si, em diversas barreiras construídas, e nega o próprio contato de seus



antepassados com outras etnias. Trata-se de uma cultura compósita mas que se pretende atávica, na formação de uma identidade de raiz única com a exclusão do outro.

5 CONCLUSÕES

Para concluir, por hora, uma comunidade sustentável tem muito a oferecer enquanto material para pesquisas acadêmicas, pode ser analisado de acordo com várias áreas e perspectivas teóricas. Mas aqui nos interessa o projeto utópico e as discussões pós-apartheid na África do Sul que se quer multicultural. Assim, a imagem e o discurso que Orania projeta sobre si nos documentários, vídeos, redes sociais e matérias de mídias do mundo inteiro, busca não negar os preceitos da nação arco-íris, mas viver dentro desta nação, cultivando seus preceitos culturais *somente* entre os africâner. Salientamos o *somente* em itálico, pois este detalhe é o que marca e liga diretamente com passado recente do apartheid: da não convivência com o outro em um mesmo espaço geográfico.

Assim, são fundamentais futuros estudos sistemáticos da utopia da identidade cultural africâner pura contida na cidade Orania. Seja enquanto existência real ou mesmo em seu projeto de futuro de um grande Estado independente. De tal sorte que pode conter questões – ou respostas – indispensáveis ou complementares para compreender a história da humanidade nas cidades contemporâneas. Que se pretendem universais, plurais e democráticas mas cujas complexas realidades, mas cujos traumas e marcas do passado recente, as distanciam deste ideal.



REFERÊNCIAS

- APPIAH, Kwame Anthony. Pendendo para o nativismo. In: **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p.77-110.
- APPIAH, Kwame Anthony.. O pós-colonial e o pós-moderno. In: **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultural** Rio de Janeiro. Contraponto: 1997, p.193-219.
- BHABHA, Homi. A Outra Questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo”. In: **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p.105-128.
- BHABHA, Homi. Interrogando a identidade: Franz Fanon e a prerrogativa pós-colonial”. In: **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p.70-104.
- BROTON, Jeffrey. **O Bazar do Renascimento: da rota da Seda a Michelangelo**. São Paulo: Grua, 2009.
- BURGT, Henry van der. **The Afrikaner Quest for Community. A study on Communitarianism in Orania** (Masters thesis). Nijmegen: Radboud University, 2016.
- CAVANAGH, Edward. “The History of Dispossession at Orania and the Politics of Land Restitution in South Africa”. *Journal of Southern African Studies* 2013. 39 (2): 391–407.
- CERTEAU, Michel. Psicanálise e História. In: **História e Psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p.71-89.
- COLE, Catherine M. **Performing South Africa's Truth Commission: Stages of Transition**. Bloomington, Indiana: Indiana University Press. pp. 31, 2010.
- COOMBES, Annie E. **History after Apartheid: Visual Culture and Public Memory in a Democratic South Africa**. Durham, North Carolina: Duke University Press, 2003.
- CORNEVIN, Marianne. **Apartheid, poder e falsificação histórica**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- DE BEER, F.C. (2007). “Exercise In Futility, Or Dawn Of Afrikaner Self-determination: An Exploratory Ethno-historical Investigation Of Orania”. *Ethnoculture*. Eastern Michigan University. 1: 45–58.
- DELUMEAU, Jean. A promoção do Ocidente. In: **A civilização do Renascimento**. Lisboa: Estampa, 1994, vol.1, p.19-24.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente, 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.
- DELUMEAU, Jean. Os agentes de Satã. In: **História do medo no Ocidente, 1300-1800: uma cidade sitiada**, São Paulo: Cia. das Letras, 2009, p.386-522.



FERRO, Marc. **O ressentimento na História** – Ensaios. Rio de Janeiro, Agir, 2009, p.7-40.

FROST, Reiner. Limites da tolerância. **Novos Estudos**, n.84, 2009, p.15-29

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HAGEN, Lise. **Place of our own: The Anthropology of Space and Place In the Afrikaner Volkstaat of Orania** (MA thesis). Pretoria: University of South Africa, 2013.

HUES, Henning; MORGAN, Katalin. “The raising of the flag in 'Volkstaat' Orania: Perspectives on a school ceremony”. *Education as Change*. 2010 14 (1): 33–46.

MAGNOLI, Demétrio. **África do Sul: capitalismo e apartheid**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 1998.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

ORANIA, documentary, Dir. Tobias Lindner, prod. Beuth Hochschule für, 94 min, Germany, South Africa 2012.

PEREIRA, Analúcia Danilevicz. Apartheid: apogeu e crise do regime racista na África do Sul (1948-1994). In: MACEDO, José Rivair. (Org). *Desvendando a história da África*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades series, pp. 139-157.

PEREIRA, Francisco José. **Apartheid: o horror branco na África do Sul**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

RICOEUR, Paul. A realidade do passado. In: **Tempo e Narrativa**. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p.236-266.

SELDON, Sylvia. **Orania and the reinvention of Afrikanerdom** (PhD thesis). University of Edinburgh, 2014

SILVEIRA, Aline Dias. “Fronteiras da tolerância e identidades na Castela de Afonso X”. In: **Identidades e fronteiras no Medievo Ibérico**, Curitiba, Juruá, 2014, p.127-150.

STEVENS, G. “Racialisation and Deracialisation”. In: T. Teo (ed.). *Encyclopaedia of Critical Psychology*. Nova Iorque, Springer, 2014, pp. 1.637-40.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VERACINI, Lorenzo. “Orania as Settler Self-Transfer”. *Settler Colonial Studies* 2011. 1 (2): 190–196